

Habitar – Casas

Miguel Santiago*

p. 27-32

1. Onírico, Conceptual e Tipológico

A casa, como objecto, encerra em si, um conjunto de tradições, modelos, conceitos, categorias; remete-nos para uma ancestralidade, para o habitar, para o sonho, para a família. Sempre foi objecto de estudo protagonizando as mais diversas análises. Resume por isso, com algum rigor, a evolução da arquitectura desde os tempos mais remotos. Nela, encontramos as origens da casa, o “mito” da casa originária, ou, segundo Quatremère de Quincy, a caverna, a tenda e a cabana. Foram inúmeros os tratadistas que apresentaram as suas ideias e as suas representações da cabana primitiva, desde Vitruvius a Marc Laugier, passando por Viollet-le-Duc e Jean Nicolas-Louis Durand.

Este tema não passou despercebido a Fernando Pessoa e Herberto Helder. No primeiro, o quarto de Bernardo Soares, apesar de obscuro, “olha” pela janela um território de fuga; no segundo, o verso *Falemos de Casas* permite “vaguear” pelas memórias, corpos, sentimentos e melancolias do habitar. Ambos os poetas personificam as relações do ser com o espaço, nas suas mais ínfimas direcções. Há mais de meio século que Gaston Bachelard publicou *La poétique de l'espace* (1957). Esta reflexão filosófica sobre a casa, partindo de uma imagem poética que, segundo o autor, se atinge através de uma fenomenologia da imaginação, ainda hoje é proveitosa para o estudo do espaço, da imagem, e fundamentalmente, dos aspectos simbólicos da casa e do habitar.



“(...) Em suma, na mais interminável das dialécticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa na sua realidade e na sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores de onirismos consonantes. Já não é na sua positividade que a casa é verdadeiramente «vívida», não é somente no momento presente que reconhece-

* CEAUP/UBI.

mos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver uma casa nova.”¹

O indivíduo aprisiona a casa como o lugar íntimo do seu habitar, legitimando-a como lugar de morada e de de-mora sobre a Terra. Assim se estabelece a singularidade de cada Ser e o seu lugar no mundo. Esta relação entre o ninho e o ventre materno e as questões antropológicas e sociais permitiram um conjunto de metamorfoses, em que o tempo dissolveu o carácter fenomenológico do habitar.

A arquitectura na sua constituição mais elementar, delimitada por chão, paredes e tecto, define o espaço, tornando-o interior e exterior, finito e infinito; revela os limites físicos, marca o território. Estes três elementos básicos formam a pele que aprisiona a luz e a sombra, o côncavo e o convexo. A parede, como plano de uma divisão espacial, tendo em conta as funções programáticas, é um elemento intemporal da arquitectura. A sua rigidez ou flexibilidade são formas de encerrar ou abrir os espaços interiores; as paredes, mais do que elementos rígidos, comportam vãos, permitindo fragmentar ou ampliar os diversos espaços. Descrevemos as questões tectónicas, a construção. Mas, como refere Heidegger, o construir é mais do que um “meio”, uma vez que a sua existência já implica um habitar. Já Alberto Campo Baeza refere que, o homem como ser e instrumento criador do mundo, toma a casa, como morada para habitar. Este é o lugar do ser-no-mundo. É o reflexo da vivência do Homem, das dinâmicas e dialécticas próprias da vida, que serenamente repousam nas formas deste abrigo primordial. É aqui que se começa a ser abrigado, os limites do abrigo – a casa –, através da sua realidade, acolhe pensamentos e sonhos, permitindo pensar o passado, viver o presente e projectar o futuro.



É este o ponto de partida para uma constante procura, invenção e reinvenção pelas formas que traduzam o lugar essencial da “nossa” morada. Assim, o indivíduo procura a dimensão física, que dá forma aos significados que compõem o conceito de casa, e, a partir dos quais, começa a construir a dimensão física que corresponde e formaliza os conceitos.

2. Casas em África – Pancho Guedes

Tomemos, como exemplo de análise, projectos que Pancho Guedes desenvolveu em África, principalmente em Moçambique. Encontramos, sem grande esforço, um conjunto de arquétipos presentes na história da arquitectura.

Nas casas que Pancho Guedes idealizou e realizou ao longo da sua vida, as tipologias, os locais, os clientes e os programas são tão variados que se aproxima de dois paradigmas tão distantes como o antropocêntrico e o fragmentado. Enquanto algumas das habitações mantêm um espaço doméstico tradicional, sendo desenhadas para um “homem” perfeito, livre, feliz e sereno, outras, pelo seu carácter labiríntico e complexo

¹ In BACHELARD, Gaston – *La poétique de l'espace*. 9^e édition Paris: Presses Universitaires de France, 1978. p. 24, 25. (tradução pessoal).

parecem construídas para sujeitos embrenhados num mundo problemático, caótico e fragmentado.

Desde muito cedo, Pancho Guedes sentiu-se atraído por formas antropomórficas. A primeira destas experiências terá sido o Hotel em São Martinho do Bilene (1955). Depois de várias experiências (umas melhor sucedidas do que outras), destacamos a *Mulher Habitável* (1963). Este projecto (nunca foi realizado apesar da construção se ter iniciado) representa uma fase de sedimentação. A figura do plano dá lugar ao espaço. A tridimensionalidade, a espacialidade, as superfícies moldáveis e a interligação com a topografia do lugar são os elementos marcantes deste projecto.

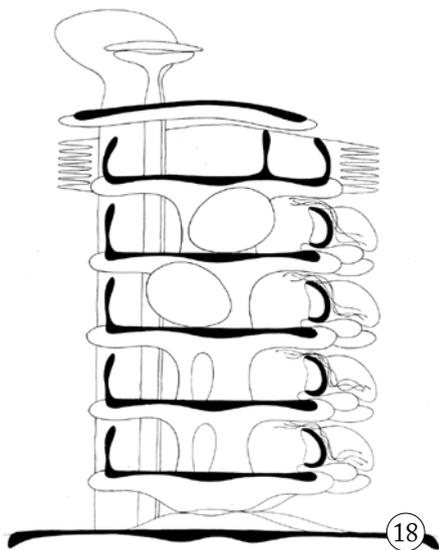
Todas as peças desenhadas (plantas, cortes, alçados) possuem grande complexidade, mas o projecto só se revela, na sua totalidade, na tridimensionalidade das perspectivas e vistas axonométricas.

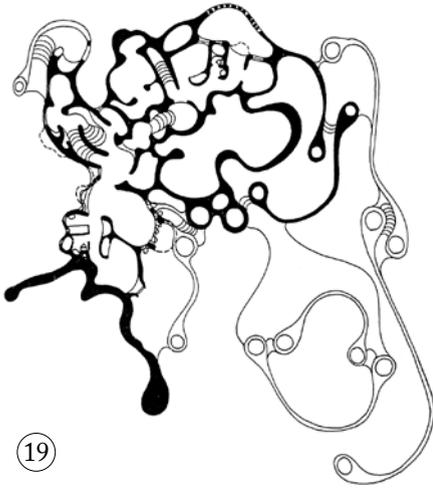
Na *Mulher Habitável* surge o símbolo feminino e materno. Esta casa encerra a forma de um ovo, o espaço gerador de toda a planta. Este “ovo”, também representado nas pinturas dos cortes dos edifícios *Leão que Ri* e *Núcleo de Arte* (1954), remete a obra pictórica e arquitectónica para uma dimensão fenomenológica, apoiada no pensamento de Gaston Bachelard. A casa é um ser em gestação, um universo próprio, que abriga e encerra a vida humana.

No texto *Le Pli, Leibniz et le baroque* (1988), o filósofo Gilles Deleuze legitima o pensamento inerente à arte e arquitectura Barrocas. A dobra representa as formas côncavas e convexas, inflexões e tensões, curvas e contracurvas, pequenos espaços exteriores e interiores de grande intensidade; ela permite uma enorme tensão entre elementos, mas estes fundem-se num só; planos verticais tornam-se horizontais, da mesma forma que as lajes se convertem em paredes. A dobra transmite a própria lógica da natureza, um conjunto de linhas de força que formam planos e espaços moldados, o espaço torna-se musculado, apaixonado. As superfícies côncavas e convexas dominam este espaço, dotando-o de grande energia. Esta energia é-nos dada pela relação entre os planos verticais e horizontais e pela forte relação que o construído estabelece com a envolvente, diluindo-se, por vezes, na areia das dunas onde se localiza.

Esta diluição, que nos desenhos surge com uma dimensão surreal, acentua propositalmente a simbiose entre as várias partes, tornando o projecto ambíguo.

A luz é um elemento fundamental que nos transporta para valores intemporais. Manifesta normalmente valores religiosos e espirituais que sempre estiveram presentes na arquitectura. A iluminação natural, continua a ser um elemento que penetra, enche,





ilumina, encerra e ensombra espaços arquitectónicos; como tal é um factor valorativo relativamente ao objecto arquitectónico. Pancho recorre muitas vezes a luz filtrada, não através de vidros translúcidos, como havia feito Mies ao longo do século XX, mas recorrendo a vãos recuados em relação ao plano das fachadas, à introdução de palas, pérgolas e *brise-soleil*. Os materiais utilizados, nos elementos referidos, como o latão, o mármore e as lonas, transmitem reflexos e uma imagem de desmaterialização, que só é superada pelo desenho rigoroso das portadas em madeira, que conferem aos espaços interiores um desenho e uma luminosidade única, como no caso de Quatro Casas para a *Coop.* (1953-59).

Neste caso, as superfícies em betão criam situações de contraste entre luz e penumbra, tanto no interior como no exterior, permitindo que a luz se torne protagonista da espacialidade, aprofundando as sombras e definindo as formas.

A riqueza do projecto reside na unidade formal dos volumes, como se tratasse apenas de um plano, que se vai moldando constantemente, encontrando sempre a sua própria forma. Nesta casa a materialidade e plasticidade do betão assumem uma presença tectónica muito marcante. A forma plástica é elaborada segundo a tríade composta por material, luz e lugar; adquirindo uma intensidade fortíssima, que nos remete para uma dimensão onírica.

Mas, se ovo representa a gestação e o início de uma nova vida, outras obras de Pancho resolvem-se na dicotomia entre a vida e a morte. Desde sempre, o túmulo representa a segunda morada. Dependendo da religião, este local de passagem, de transição entre dois mundos ou duas vidas, foi motivo de interesse arquitectónico. O Jazigo da Família Boesh (1973) representa a imagem de uma habitação; com um volume depurado, este micro-volume puro mantém uma relação simbólica com uma arquitectura de matriz modernista, que lembra a pureza dos primeiros modernos, ou as várias experiências desenvolvidas por inúmeros arquitectos a partir da forma do cubo; tais como, Giuseppe Terragni, Peter Eisenman, Bernard Tschumi.

A subtracção, por outro lado, está sempre presente em todas as superfícies côncavas que Pancho utiliza, proporcionando um espaço intimista, em que a sombra ou a penumbra adquirem um valor de mistério, que é realçado no caso dos espaços exteriores. Esta é uma das características fundamentais da obra do arquitecto português. A importância do contraste entre luz e sombra, que se torna evidente com a abertura de vãos, como na Casa Vermelha (1969), com a utilização de platibandas salientes, como na *Yeshouse* (1960-62), ou com volumes cúbicos, como as varandas na Residência de Estudantes *Khovolar* (1966-73).

As casas de Pancho agrupam-se em modelos, que podem ser interpretados de modos distintos. Enquanto algumas das suas habitações mantêm uma forma predominan-

temente horizontal, outras, como a Casa Dr. Luz de Sousa (1955) e a Casa Vermelha (1970), assumem um carácter vertical que lhes é atribuído pela escada, no primeiro caso, e pelos telhados inclinados e pelas dimensões das chaminés, no segundo.

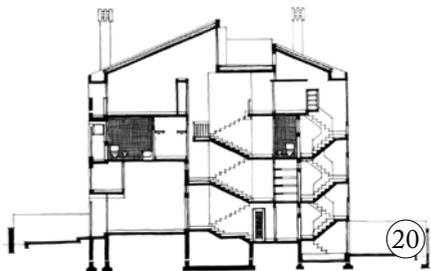
Nos projectos designados como “A elegante arte de curvar o espaço” verificamos que a centralidade se define a partir de um ponto exterior à composição, sendo este o elemento gerador de todo o espaço. Já na *Casa que se Esvazia de Sangue para a Piscina* (1970), o espaço é-nos dado pela intersecção da casa com a piscina.

A utilização de pátios cria situações diversas. Enquanto na Casa para um Técnico Agrícola (anos 60), o vazio é o ponto central, no Grupo de Oito (1953-54) e de Doze (1954-56) Casas para a Coop. os pátios tentam dissolver os limites entre interior e exterior, mantendo, no entanto, uma certa individualidade e privacidade.

Na planta da *Casa Swazi Zimbabwe* (1960-65) é notória a intenção de introduzir quatro centros. Nesta composição policêntrica destacam-se quatro volumes com coberturas independentes.

A arquitectura não segue sempre modelos e tipologias, experimenta novas realidades. Pancho Guedes não se furtou a experimentar e ensaiar novas formas de habitar. A *Casa Möslein* (Desirello) partiu de seis casas iniciais, que, com o decorrer de tempo, se foram aglutinando. Devido a impedimentos legais, a área de construção era diminuta, o que conduziu a uma solução fragmentada, tendo sido criadas, para além da casa de habitação, a casa da piscina, a casa dos automóveis, a casa dos criados, a casa da sombra (pérgola) e a casa das festas.

Apesar desta orientação hermenéutica, é sempre possível recorrer a outras linhas interpretativas quando queremos analisar o habitar na sua forma mais ancestral – a casa. Como escreve Iñaki Ábalos, no livro *La buena vida* (2000), a casa como arquétipo pode ser a casa de Zaratustra (que se caracteriza pela utilização do pátio, como nas casas de Mies van der Rohe), a casa existencialista ilustrada como o refúgio de Heidegger, a casa positivista exemplificada como a máquina de habitar de Jacques Tati, a casa fenomenológica apresentada com a casa de férias de Pablo Picasso, o *loft*





Novaiorquino de Andy Warhol e da *Factory*, a desconstrução da casa traduzida na cabana e na reacção aos modelos convencionais e, finalmente a casa do pragmatismo “*a bigger splash*”. Não propomos um paralelismo entre os arquétipos estabelecidos por Ábalos e as casas desenhadas por Pancho, apesar de, numa primeira leitura, ser possível estabelecer essas relações em alguns casos.

Esta análise demonstra, inequivocamente, que a heterogeneidade presente na obra de Pancho, relativamente a aspectos técnicos e estéticos, decorre de uma polissemia projectual. A concepção é a matriz de uma ideia globalizante do objecto arquitectónico; origina percursos distintos e é formadora de um conjunto alargado de hipóteses, que se articulam na procura da “boa” solução final.

Terminamos com um exemplo paradigmático de casa, em que a casa remete o habitar para o brincar. Na *Casa das Bonecas da Kiti* (1967) o objectivo era inventar um grau de intensidade tal capaz de transmitir a ideia de sonho; mostrando uma espacialidade orgânica, solta e “terrivelmente” espontânea.

“(…)paredes torcidas e reviradas de tal maneira que Alberti achava tão chocante”²

Bibliografia

- A.A.V.V. – Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes. **Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: [s.n.]. A.1, 5ª série, N.2 (Julho/Agosto, 1985).
- ÁBALOS, Iñaki – **La Buena Vida**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2000.
- BACHELARD, Gaston – **La poétique de l'espace**. 9ª édition Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- BAEZA, Alberto Campo – **A ideia construída**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004.
- Heidegger, Martin – **Essais et conférences**. Paris: Éditions Gallimard, 1958.
- MONTANER, Josep Maria – **Las formas del siglo XX**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002.
- SANTIAGO, Miguel – **Pancho Guedes – Metamorfoses Espaciais**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

² In A.A.V.V. – Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes. **Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: [s.n.]. A.1, 5ª série, N.2 (Julho/Agosto, 1985). p. 27.